

De Jogo em Jogo: Uma análise sobre aspectos raciais e mobilidade social no futebol carioca

José Jairo Vieira (UFViçosa)

O objetivo do trabalho é analisar a presença do negro no futebol brasileiro, especialmente sob dois aspectos: o mito da inexistência de desigualdade e de discriminação racial e o mito da ascensão social dos negros no futebol. A partir tanto da análise da participação dos negros na história do futebol nacional, como de um trabalho de campo com os jogadores profissionais do estado do Rio de Janeiro, percebeu-se que: primeiro, o jogador negro é peça fundamental no processo de profissionalização; segundo, os jogadores negros estão em uma situação de desvantagem em relação aos brancos e pardos quando observamos aspectos, como: porcentagem de jogadores, grau de escolaridade, escolaridade dos pais e atuais salários; terceiro, apesar de a maioria dos jogadores profissionais ter mobilidade de renda intrageracional ascendente, os negros têm, em sua maioria, imobilidade; quarto, a maioria dos jogadores de futebol tem uma mobilidade de renda intergeracional descendente. Conclui-se que, alguns valores e crenças relacionados à presença do negro no futebol, como, a ascensão social e a inexistência de desigualdade e discriminação são mitos que não encontram evidências na realidade dos jogadores profissionais.

De Jogo em Jogo: Uma análise sobre aspectos raciais e mobilidade social no futebol carioca

José Jairo Vieira (UFViçosa)

1 - Introdução

Ao observar a relação entre esporte e sociedade notamos uma grande variedade de temas, isto ocorre pelo significado social que tal atividade assume contemporaneamente. Desta forma, encontramos a referência ao esporte em diversas esferas da sociedade. Não raro suas atribuições são potencializadas, ou seja, se delega ao esporte a competência de amenizar conflitos entre grupos e até mesmo países, retirar ou evitar que jovens se envolvam com a marginalidade e as drogas, auxiliar na resolução de problemas complexos como a falta de perspectiva de trabalho, profissionalização e ainda, mobilidade social de grande parcela da população brasileira e, inclusive ser um local onde as desigualdades presenciadas em nossa sociedade não se reproduzem ou seja, um espaço onde obstáculos sociais e raciais não existissem. Alguns destes valores tornaram-se tão centrais e foram tão divulgados que já são mitos do esporte contemporâneo brasileiro. Desta forma, este texto objetivou analisar alguns destes mitos entre eles destacamos, os relacionados a participação do negro e pardos no futebol brasileiro, como, o da inexistência de desigualdade racial e o que os negros e teriam nesta atividade uma via de ascensão social privilegiada.

Para este estudo fizemos trabalho de campo com os jogadores profissionais de futebol do Estado do Rio de Janeiro. Realizamos um total de 327 questionários e 16 entrevistas junto a estes jogadores. OS questionários foram aplicados a jogadores representativos das três divisões do futebol daquele estado, asseguramos desta forma que as informações coletadas fossem representativas da diversidade contida neste grupo.

Para expor tais análises iremos primeiro, abarcar a questão dos estudos e teorias existentes internacionalmente sobre a sociologia do esporte e a questão racial. Em seguida passaremos a demonstrar tanto alguns aspectos da participação dos negros e pardos no futebol nacional como também algumas análises que já foram feitas sobre tal

relação e, por fim, num terceiro momento passaremos a analisar os dados sobre os mitos e valores de falta de desigualdade racial e ascensão social dos negros através do futebol.

2 – Os principais estudos sobre os jogadores negros

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, países nos quais a Sociologia do Esporte encontra-se mais avançada, há algumas décadas, já se observam pesquisas abordando a discriminação e o preconceito sofridos pelos negros no esporte¹. Desde a década de 70, registram-se, nos Estados Unidos, vários trabalhos buscando interpretar a participação dos negros nos esportes nacionais, destacando-se, neste período, as pesquisas desenvolvidas por Edwards (1973). A Inglaterra, por sua vez, tem seus primeiros trabalhos de referência publicados a partir dos anos 80s, tendo como marco o trabalho de Ernest Cashmore (1982).

As pesquisas desenvolvidas nestes dois centros guardam especificidades quanto aos objetivos, metodologias e, por consequência, interpretações e teorias produzidas sobre a discriminação e preconceito racial no esporte.

No que pode ser entendido como um reflexo da conjuntura social americana na década de 60, com a luta pela igualdade racial e o enfraquecimento das leis discriminatórias causado pelo movimento pelos direitos civis, a Sociologia do Esporte Americana tende a elaborar pesquisas, visando averiguar a representatividade que os grupos étnicos, divididos em brancos e não-brancos, têm no esporte. Tais estudos quase que invariavelmente demonstram que os não-brancos são subrepresentados em posições centrais (as mais importantes) na maioria dos esportes profissionais daquele país.

As metodologias desenvolvidas buscavam identificar a raça ou cor dos jogadores, a partir disto, era possível relacionar qual o perfil racial do jogador era predominante em cada posição. Desta forma, não raro, eram utilizados anuários esportivos que continham tais informações e, principalmente, fotos dos jogadores. Outro recurso bastante utilizado nas pesquisas deste período era a aplicação de questionários junto aos treinadores com o objetivo de conhecer quais são as características necessárias para ocupar determinadas

¹ Estes países adotam outras categorias como não-brancos e afro-americanos, isto faz com que unifiquem em apenas uma categoria os indivíduos negros e pardos. No Brasil, apesar de ambos serem discriminados, negros e pardos são diferentemente valorizados e representados na sociedade, por isso vamos ao longo deste estudo manter esta divisão.

posições e quais as principais características que estes técnicos atribuíam aos jogadores brancos e negros.

Segundo estas pesquisas, existiriam padrões subjetivos que, em última instância, definiriam a distribuição de jogadores nas diversas posições, fazendo com que, naquelas usualmente associadas a características como: liderança, inteligência, controle emocional e habilidade para tomar decisões sob pressão, houvesse elevada representação de profissionais brancos. Em oposição, percebeu-se que para onde costumeiramente temos maior presença de jogadores negros, “exigiam-se” características como: força, velocidade, rapidez, alta emotividade e bons instintos (Edwards, 1973).

Enquanto a sociologia americana predominantemente direcionava suas pesquisas para a busca de evidências quantitativas sobre discriminação e preconceito, a sociologia do esporte na Europa, e, principalmente na Inglaterra, tomava como eixo básico o levantamento e a interpretação do esporte como tendo um papel fundamental na vida dos negros, em particular dos afro-caribenhos.

Diante deste objetivo, a metodologia mais recorrente utilizada pelos pesquisadores ingleses diferenciava-se da americana, visto que, na medida em que realizavam extensos trabalhos etnográficos, eles imputavam extrema importância aos depoimentos dos jogadores sobre suas trajetórias e respectivas representações da atividade esportiva e, por extensão, sobre a importância e significado cultural dos esportes.

São bons exemplos desta tendência as pesquisas desenvolvidas por Carrington & Wood (1983) e, em especial, por Ernest Cashmore (1982), que analisam, de forma sistemática, a experiência dos jogadores negros (afro-caribenhos) na Inglaterra, utilizando, como referência, as trajetórias e representações que estes jogadores têm de sua participação no mundo esportivo.

Este trabalho foi um marco para a Sociologia do Esporte Inglesa e Mundial, uma vez que, enquanto os EUA já desenvolviam pesquisas sobre a participação dos negros nos esportes profissionais americanos, utilizando a *Teoria da Centralidade*, Cashmore praticamente inaugurou a prática da Sociologia do Esporte britânica, optando por não utilizar nem a teoria, nem a metodologia americana. Tal decisão até hoje lhe rende

diversas críticas da literatura sociológica do esporte, dentre elas destacam-se as desenvolvidas por Carrington (1996):

a- Seus informantes (apenas jogadores negros de sucesso) seriam a minoria ou a exceção entre os jogadores negros da Inglaterra, desta forma, não seriam adequados para oferecer um padrão das condições sociais dos jogadores negros e de suas “reais” experiências, como objetivava o livro do autor. Com isso, seus críticos argumentavam serem extremamente frágeis afirmações conclusivas de que existe ou não discriminação no esporte a partir única e exclusivamente dos depoimentos de alguns jogadores negros de sucesso.

b – Cashmore confiava plenamente nas percepções retrospectivas de seus informantes como fonte de dados.

c – Lida principalmente com atleta, lutadores de boxe e futebol, mas falha ao não examinar qualquer detalhe étnico diferente na participação em outros esportes populares. Isto é uma omissão séria, especialmente no caso do críquete que, não obstante sua centralidade na cultura da classe trabalhadora dos afro-caribenhos, é mencionada de forma bastante superficial.

d – Cashmore teoriza com base na afirmação de que negros são melhores praticantes de esportes do que brancos, o que ocorreria tanto nos níveis mais baixos, ou seja, nos esportes amadores, escolares e praticados de forma livre (lúdica, lazer), quanto nos esportes de alto nível praticado por profissionais. Ele falha, assim, ao associar dados sistemáticos relacionados com grupos diferentes no que se refere à sua participação e atuação em vários esportes populares. Tais dados deveriam revelar se negros estão **de fato** super representados, por exemplo, no futebol profissional e no atletismo de alto nível ou sub-representados no golfe e no tênis. E mais, sua conclusão de que o esporte constitui um interesse central na vida de muitos homens afro-caribenhos é freqüentemente percebida como uma alternativa para mostrar que os grupos são super-representados nos níveis baixos do esporte, por exemplo, nos times escolares (Carrington, 1986)

Apesar das críticas recebidas, o trabalho de Cashmore deve ser visto como uma referência para a Sociologia do Esporte Britânica, especialmente porque fornece uma alternativa à própria *Teoria da Centralidade*, que guarda limitações em sua aplicabilidade, sendo mesmo inadequada em alguns esportes.

No caso do futebol, encontramos extrema dificuldade ao elaborar pesquisas que tenham um enfoque na importância das posições, já que não existe com a mesma clareza no futebol a disposição de posições centrais e não-centrais como encontradas em esportes profissionais americanos (Dunning, 1970).

Esta interdependência entre as posições leva a uma grande interação, que permite aos jogadores transitar por mais de uma posição ou ainda, elaborar jogadas e desempenhar funções diferentes daquelas desenvolvidas usualmente. Desta forma, torna-se muito difícil estabelecer o que seria posição central e não-central no futebol, item básico para as análises da teoria da centralidade.

Embora Dunning (1970) e Maguire (1991) vejam dificuldades na utilização da teoria da centralidade no futebol, neste trabalho, desenvolveremos uma estratégia de valorização e classificação hierárquica das posições do futebol como forma de adequação desta teoria ao futebol brasileiro.

Apesar das particularidades percebidas nas relações raciais desenvolvidas na sociedade brasileira, assim como as representações sobre o futebol no cotidiano nacional, a Sociologia do Esporte no Brasil ainda dá seus primeiros passos, não tendo sido desenvolvida nenhuma teoria apta à reflexão sobre a relação entre raça e esporte. Aqui, a participação negra nos esportes nacionais foi inicialmente analisada por Mário Filho (1964), que observa as trajetórias de discriminação de vários negros no início do futebol.

Devemos ressaltar que, de forma geral, o negro só foi “aceito” no futebol brasileiro a partir da metade do séc. XX. E, mesmo assim, é interessante lembrar que a raça foi utilizada para explicar a derrota da seleção brasileira na partida da final Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, quando os negros e pardos da equipe (em especial, o goleiro Barbosa) foram tomados como os responsáveis pelo placar desfavorável.

A imagem negativa do negro no esporte foi atenuada a partir das várias vitórias da seleção brasileira, principalmente, pela impressionante habilidade e talento de Pelé. A propósito, a análise de trajetórias de ícones do futebol é uma estratégia utilizada de forma recorrente em pesquisas sociológicas sobre o esporte no Brasil como no caso de Lopes (1994), ao investigar a mobilidade dos jogadores negros Domingos e Leônidas no processo de transição do futebol amador ao profissional.

3 – A participação do negro no futebol brasileiro

A presença do negro no futebol brasileiro tem várias especificidades que a diferenciam da presença do negro no futebol de outros países e, mesmo da presença dos negros em outros esportes brasileiros. Tais especificidades devem-se ao fato de a história do negro na sociedade brasileira ser bem diferente da história do negro em outras sociedades, mesmo entre aquelas (EUA) nas quais ele foi de início introduzindo como escravo, a exemplo da brasileira.

Devem-se, ainda, à própria peculiaridade do futebol brasileiro, que, no início, era representante de uma elite branca, depois passou a ter pobres e negros, viu o profissionalismo sendo um grande divisor de águas, presenciou o massacre de Barbosa e a consagração de Pelé, mas que nunca deixou de ser um ‘fiel depositário’ do modo de pensar da sociedade brasileira sobre as relações raciais que a estruturam.

Filho (1964) divide a história do futebol em três períodos: 1900/1910 (elitização), 1910/1930(exclusão de negros) e a partir de 1930 (ascensão social dos negros), esta divisão cobre muito bem a primeira metade do século, porém é insuficiente para a segunda. Sendo assim, será respeitada na primeira metade e incluiremos alguns recortes ao analisarmos os acontecimentos a partir da década de 50.

Um dos principais acontecimentos a que estamos nos referindo ocorreu na mudança de perspectiva e de valor que o negro assumir no futebol da derrota de 50, quando negros do time foram massacrados pela imprensa e pela opinião pública; para a copa de 70, quando o Brasil se consagrou tricampeão e foi coroado um jogador negro como o rei do Futebol Mundial. Este momento foi um dos mais especiais da presença do negro no futebol brasileiro e, por uma questão cronológica, não foi abordado por Filho que escreveu a segunda e última versão do seu livro em 1964.

Desta forma, temos que num primeiro momento o pardo bem nascido podia jogar futebol, tal fato ocorria por que algumas famílias bem relacionadas e de status no Brasil no período que antecede a década de 20 do século passado tinham filhos pardos e por

estes freqüentarem clubes da elite terminavam tendo acesso ao futebol que neste período era praticado e tido como um esporte de elite branca.

Num segundo momento tivemos o início da participação de negros no futebol marcadamente em 1923 com o Clube Vasco da Gama, que escalou diversos negros em seu elenco. Existem informações de anteriormente o clube Bangu já tinha entre seus jogadores um jogador negro, porém a este clube devemos atribuir a democratização social do futebol, ou seja, a partir dele tivemos pobres jogando com ricos (operários simples com seus superiores, alguns estrangeiros). Porém, o clube que primeiro aceitou uma quantidade maior de negros e desta forma deve ser visto como aquele que democratizou racialmente o acesso ao futebol foi o Vasco da Gama. Tal atitude chocou e abalou os valores da elite branca da época, uma vez que tal time repleto de suburbanos, negros e pardos passou a ter êxito dentro do campeonato estadual do Rio de Janeiro.

Alguns obstáculos a este procedimento foram colocados como por exemplo, a necessidade do jogador comprovar ser alfabetizado, a necessidade do Vasco ter um estádio, e sobretudo a necessidade do jogador ser amador, ou seja, te que comprovar que não vivia do futebol. Todos estes obstáculos foram superados. No entanto, a questão do amadorismo era a mais delicada e culminou com a implantação do profissionalismo no ano de 1933, o cenário tinha como pano de fundo um grande saída de jogadores para a Itália e para outros países da América latina que já tinham implementado o profissionalismo no futebol (Vieira, 2001).

A partir de então outras questões surgem neste debate como por exemplo o surgimento da sede e social e esportiva nos clubes, atuando como um a forma de classificar os sócios e redefinir espaços, temos também a denominação de sócio atleta como que afirmando sócio funcionário. Desta forma, defendemos que a presença do negro no futebol brasileiro é uma das grandes motivadora do próprio processo de profissionalização deste esporte (Vieira, 2001).

Após este momento, ocorreu tivemos uma grande mudança na valorização dos jogadores negros e pardos no futebol após a derrota do Brasil na final da Copa do Mundo de 50, neste momento passou-se a questionar a presença de jogadores negros, os efeitos

de tal situação podem ser observados na ausência até pouco tempo de goleiros e técnicos negros ou pardos na seleção brasileira.

de Futebol (Vieira, 2001)

Este sentimento quanto ao valor do jogador negro e, conseqüentemente sobre o valor do própria pessoa negro em nossa sociedade, sofreu alterações a partir da Copa de 58 e com o surgimento do “fenômeno Pelé”, temos uma espécie de redenção do jogador negro e prado neste período e o reforço e em alguns casos surgimento dos maiores mitos relacionados aos negros e prados e oi futebol brasileiro. Pelé foi assim, utilizado de diversas formas, para evidenciar no que seria o comportamento esperado de um “bom negro” em contraposição ao que seria um negro indesejado em nossa sociedade, materializado e exemplificado no Garrincha (Vieira, 2001). Deste momento até os dias atuais tivemos alguns mudanças, porém nenhuma de forma ampla, quase que invariavelmente, manteve-se a mesma direção na valorização da participação dos jogadores negros no futebol que teve inicio neste momento.

4 – O mito da inexistência de desigualdade racial e de ascensão do negro no futebol brasileiro

Para analisarmos tais mitos iremos expor alguns dados obtidos junto aos jogadores de Futebol do Estado do Rio de Janeiro. Sobre a distribuição dos jogadores segundo a cor/raça, temos que, 41 % dos jogadores são pardos, 25% são negros e 34,0% são brancos. Esta distribuição não reforça a crença comum em nossa sociedade de que a maioria dos jogadores de futebol são negros (Vieira, 2001).

A tabela a seguir demonstra a distribuição salarial dos jogadores de futebol

Tabela 01 - Salário Atual do Jogador segundo a Cor ou Raça

		Cor/Raça			
		Branco	Negro	Pardo	Total
Até 1 SM	Valor	29	39	44	112
	% raça	26,6%	48,1%	33,6%	34,9%

De 1 a 2 SM	Valor	19	5	14	38
	% raça	17,4%	6,2%	10,7%	11,8%
De 2 a 4 SM	Valor	15	10	21	46
	% raça	13,8%	12,3%	16,0%	14,3%
De 4 a 10 SM	Valor	10	10	28	48
	% raça	9,2%	12,3%	21,4%	14,9%
De 10 a 20 SM	Valor	9	5	8	22
	% raça	8,3%	6,2%	6,1%	6,9%
Acima de 20 SM	Valor	27	12	16	55
	% raça	24,8%	14,8%	12,2%	17,1%
Total	Valor	109	81	131	321
	% raça	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A tabela 01 revela uma realidade surpreendente da distribuição salarial dos jogadores segundo a cor/raça. O primeiro aspecto a chamar a atenção é a diferenciação nos percentuais de jogadores que recebem até 1 salário mínimo. Neste caso, temos 48,1% dos jogadores negros contra 33,6% dos pardos e 26,6% dos brancos. Torna-se nítido que são os negros que têm a maior tendência a ocuparem a base da distribuição salarial no futebol.

Observando a segunda faixa salarial, a composta pelos rendimentos de 1 a 2 salários mínimos, observa-se que, de modo diferente da primeira faixa salarial, temos 17,4% dos jogadores brancos contra 10,7% dos pardos e 6,2% dos negros. Isto mostra que, à medida que há uma elevação na faixa salarial, aumenta a presença de pardos em detrimento dos negros.

O terceiro estrato (2 a 4 SM) é aquele que demonstra o maior equilíbrio entre três os grupos: 16,0% dos pardos, 13,8% dos brancos e 12,3% dos negros.

Estes três primeiros estratos seriam os de rendimento mais baixo e onde nitidamente observa-se maior concentração de negros.

Por fim, ao analisarmos os últimos estratos, percebemos que, na faixa salarial de 10 a 20 salários mínimos, encontramos 8,3 dos jogadores brancos contra 6,2% dos jogadores negros e 6,1% dos jogadores pardos. Esta diferença aumenta, ao observarmos o último estrato que compreende os rendimentos acima de 20 salários mínimos, neste temos 24,8% dos jogadores brancos contra 14,8% dos negros e 12,2% dos pardos.

Diante disto fica nítido que os jogadores brancos estão situados nos estratos mais elevados da distribuição salarial, enquanto os jogadores negros estão mais representados no primeiro estrato.

Tabela 02 -Escolaridade do Pai e da Mãe dos Jogadores segundo a Cor dos Jogadores

Escolaridade		Cor/Raça						Total	
		Branco		Negro		Pardo			
		Mãe	Pai	mãe	pai	Mãe	pai	mãe	pai
1º Grau Incompleto	Valor	20	20	36	24	57	43	113	87
	%	19,6%	19,8%	60,0%	42,1%	50,9%	42,6%	41,2%	33,6%
1º Grau Completo	Valor	30	29	12	14	26	29	68	72
	%	29,4%	28,7%	20,0%	24,6%	23,2%	28,7%	24,8%	27,8%
2º Grau Completo	Valor	33	33	10	13	25	26	68	72
	%	32,4%	32,7%	16,7%	22,8%	22,3%	25,7%	24,8%	27,8%
Universitário	Valor	19	19	2	6	4	3	25	28
	%	18,6%	18,8%	3,3%	10,5%	3,6%	3,0%	9,1%	10,8%
Total	Valor	102	101	60	57	112	101	274	259
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Na escolaridade dos pais, uma vez inserida a variável cor ou raça, observamos uma concentração de pais negros e pardos nos níveis de escolaridades mais baixa. E entre os negros, 42,1% não terminaram o primeiro grau, enquanto 24% terminaram. Apenas 10,5% alcançaram o grau universitário e 22,8% têm o segundo grau completo. Entre os pardos, temos que 42,6% dos pais não terminaram o primeiro grau e 28,7% têm o primeiro grau completo. E, enquanto 25% deles têm o segundo grau completo, somente 3,0% um título universitário.

Entre pais dos jogadores brancos existe uma percentagem menor nos primeiros graus de escolaridade quando comparados aos pais dos negros e pardos. Seus maiores graus de escolaridade estão situados nos níveis de segundo grau completo e universitário.

Os graus de escolaridade servem como indicadores de possíveis graus de ocupação, o primeiro estrato e o segundo estrato de escolaridade (primeiro grau incompleto e primeiro grau completo) não conferem nenhum tipo de especialização profissional. Apesar do primeiro grau ser requerido em vários empregos, ele, por si só, não confere uma profissão. Por sua vez, o segundo grau completo e o universitário completo possibilitam a obtenção de um diploma, e, conseqüentemente, a habilitação para o exercício de uma profissão.

Estas informações sobre o grau de escolaridade dos pais e mães dos jogadores possibilitam argumentar que a maioria dos pais e mães dos jogadores brancos ocupariam empregos e teriam profissões que exigem maior escolaridade e por isso seriam mais valorizadas e mais bem remuneradas do que a maioria dos pais e mães dos jogadores pardos e negros, que teriam ocupações onde a escolaridade não seria o pré-requisito principal. Obviamente, estas profissões e ocupações tendem a ser as menos valorizadas do mercado de trabalho.

Com isso, evidenciamos que as famílias dos jogadores negros e pardos manifestam uma situação sócio-econômica inferior à das famílias dos jogadores brancos. E, sobretudo, que a crença que se tem da origem humilde dos jogadores de futebol é correta apenas quando se observa a maioria dos jogadores negros e pardos; visto que os

jogadores brancos, seriam classificados como pertencentes à classe média, que, em nenhum momento neste trabalho, deve ser confundida com a classe baixa.

Tabela 03 - Mobilidade Intrageracional dos Jogadores segundo a Cor

		Negros	Pardos	Branco	Total
Ascenderam	Valor	35	75	63	173
	% ▼	43,2%	57,3%	57,8%	53,9%
Imobilidade	Valor	43	49	38	130
	% ▼	53,1%	37,4%	34,9%	40,5%
Descenderam	Valor	03	07	08	18
	% ▼	3,7%	5,3%	7,3%	5,6%
Total	Valor	81	131	109	321
	% ▼	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Analisando a tabela 03, percebemos que 53,9% dos jogadores profissionais adquiriram mobilidade ascendente, 40, 5% ficaram numa situação de imobilidade, enquanto 5,6% passaram a ter uma mobilidade descendente, levando-nos à conclusão inicial de que a maioria dos jogadores de futebol, ou melhor, pouco mais da metade deles, obtiveram algum grau de ascensão social via futebol.

No entanto, quando observamos esta distribuição a partir da variável cor/raça, percebemos que a mobilidade social através do futebol se dá de forma diferente para brancos, negros e pardos.

Vamos, inicialmente, observar a distribuição a partir das categorias “ascenderam”, “imobilidade” e “descenderam”, o que permitirá analisar a formação de cada grupo deste e verificar a composição étnica deles.

Embora 43,2% dos jogadores negros tenham experimentado uma mobilidade ascendente, o grupo, majoritariamente (53,1%), é caracterizado pela imobilidade social, expondo uma das informações mais reveladoras desta tabela.

Enquanto a maioria dos jogadores pardos e brancos, respectivamente, 57,3 e 57,8, chega à mobilidade ascendente, apenas 37,4% dos pardos e 34,9% dos brancos se vêm na situação de imobilidade.

Estes dados informam que a ascensão social intrageracional ocorre para a maior parte dos brancos e pardos, enquanto para os negros, o que surge como o indicador para a sua maior parcela é a imobilidade intrageracional.

Desta forma, creditar ao futebol a característica e a função de agente de mobilidade social ascendente intrageracional dos jogadores negros não encontra respaldo, podendo ser até mesmo refutada a partir dos dados revelados nesta pesquisa.

A tabela a seguir traz os dados referentes à mobilidade intergeracional dos jogadores de futebol segundo a sua cor/raça.

Tabela 04 -Tabela de Mobilidade Intergeracional segundo a Cor

		Negros	Pardos	Branco	Total
Ascenderam	Valor	18	19	15	52
	% ▼	36,7%	23,8%	22,4%	26,5%
Imobilidade	Valor	05	14	12	31
	% ▼	10,2%	17,5%	17,9%	15,8%
Descenderam	Valor	26	47	40	113
	% ▼	53,1%	58,7%	59,7%	57,7%
Total	Valor	49	80	67	196
	% ▼	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A distribuição, na tabela 04 revela que entre os jogadores de futebol 26,5% ascenderam, 15,8% tiveram imobilidade, enquanto a maioria (57,7%) obteve uma mobilidade descendente. Esta revelação vai de encontro aquilo que a maioria da população costuma pensar sobre a mobilidade social dos jogadores de futebol, ou seja, acredita-se que a maioria dos jogadores obtém mobilidade social ascendente.

Os jogadores negros manifestaram um índice de mobilidade descendente de 53,1%, enquanto jogadores brancos tiveram 59,7% e pardos 58,7%. Ou seja, os negros, apesar de terem a mobilidade descendente como a mais assinalada, demonstram-na de forma um pouco inferior a de pardos e brancos.

Ao observarmos a imobilidade, acontece um processo similar, os negros tiveram 10,2% de imobilidade, os pardos 17,5% e os brancos obtiveram 17,9%. Os negros continuaram a ter uma percentagem menor neste tipo de mobilidade.

Já na mobilidade ascendente ocorreu a maior percentagem entre os negros do que entre os pardos e os brancos: foram, respectivamente, de 36,7, 23,8 e 22,4%. Isto indica que entre os negros ocorre uma possibilidade maior de mobilidade social ascendente.

A explicação para estas diferenças percebidas entre os jogadores negros e brancos deve ser creditada às origens sociais diferenciadas. Como já demonstramos os jogadores negros saem de famílias com condições sociais inferiores às dos pardos e, principalmente, às dos jogadores brancos. Logo, tem-se uma distância de origem pequena para a mobilidade descendente.

De qualquer forma, a tabela demonstra a dificuldade tanto para brancos, negros e pardos de obterem mobilidade social intergeracional ascendente a partir do futebol.

As informações sobre a mobilidade social intrageracional e intergeracional contribuem para descortinar e desmistificar o senso comum que atribui ao futebol um meio eficaz de mobilidade social para as pessoas pobres e, em especial, para as pessoas negras, pois, como se demonstrou, entre aqueles que se beneficiam como um futebol através de uma mobilidade social intrageracional ascendente, os negros ficariam com as remunerações mais baixas.

Ao observamos a mobilidade intergeracional, temos uma situação ainda mais conflitante e desmistificadora, pois os dados gerais já indicam que não existe na maioria das vezes a mobilidade social ascendente dos jogadores de futebol, quando comparados

com seus pais. Com isso, na maioria das vezes não ocorre a melhoria do padrão familiar que costuma ser atribuída ao futebol fornecer à maioria dos jogadores.

Bibliografia

CARRINGTON, Bruce. (1986), "Social Mobility, Ethnicity and Sport". In: *British Journal of Sociology of Education*. Vol. 07, No. 1.

_____. & WOOD, E. (1983), "Body talk". In: *Multiracial Education*, vol. 12.

CASHMORE, Ernest. (1982), *Black Sportsmen*. St Edmundsbury Press: Great Britain.

DUNNING, Eric. (1970), "Dinamics of sports groups with special reference to football" In: Dunning Eric *Sociology of Sport*, London, cass.

EDWARDS, H. (1973), *Sociology of sport*. Homewood, Dorsey.

FILHO, Mário. (1964), *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.

LOPES. José Sérgio L. (1994), "A vitória do Futebol que incorporou a pelada". In: *Revista USP: Dossie Futebol*. São Paulo: EDUSP.

MAGUIRE, Joe. (1991), "Sport Racism and British Society: A sociological study of England's Élite male Afro/Caribbean Soccer and Rugby Union Players". In: Jarvie, Grant (ed). *Sport, Racism and Ethnicity*. Burgess Science Press: Great Britain.

VIEIRA, José Jairo. (2001) *Paixão Nacional e Mito Social: a participação do negro no futebol, profissionalização e ascensão social*. (Tese de doutorado Sociologia-IUPERJ-RJ).